



## UM TRATAMENTO UNIFICADO DA OMISSÃO E DA EXPRESSÃO DE SUJEITOS E OBJETOS DIRETOS PRONOMINAIS DE 3ª PESSOA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

GABRIEL DE ÁVILA OTHERO<sup>1</sup>  
ANA CAROLINA SPINELLI<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho apresenta um estudo sobre dois fenômenos envolvendo pronomes que vêm ocorrendo de maneira concomitante na história do português brasileiro (PB): a realização de objeto direto nulo (ON) de 3ª pessoa e o preenchimento pronominal do sujeito. Realizamos uma pesquisa diacrônica que buscou: (i) verificar se houve aumento de sujeitos pronominais expressos no intervalo de 20 anos em Porto Alegre (RS); (ii) verificar se houve aumento de objetos nulos na retomada anafórica nesse mesmo período, nessa mesma cidade; e (iii) verificar quais traços semântico-discursivos do referente (animacidade, especificidade ou gênero semântico) estão atuando como gatilho para a manifestação do pronome nas ocorrências de sujeito e de objeto direto pronominais. Analisamos dois *corpora* de língua falada espontânea: o *corpus* do projeto VARSUL, da década de 1990, e o *corpus* LínguaPOA, produzido e transcrito entre 2015 e 2018. Também usamos dados do NURC, com base no levantamento de Monteiro (1994). Nossos resultados mostram que houve apenas um leve aumento nas ocorrências de sujeito expresso no período de tempo analisado, o que sinaliza que essa mudança está estável em PB. Da mesma forma, também encontramos apenas um leve aumento de ONs no período, o que parece indicar, igualmente, a estabilização de uma mudança. Com relação ao objetivo (iii), mostramos que a distribuição de sujeitos nulos *vs* expressos e de objetos nulos *vs* pronomes plenos pôde (até certo ponto) ser explicada com a hipótese do gênero semântico do antecedente. Para os casos destoantes, deixamos sugestões para análises futuras.

Palavras-chave: Sujeito pronominal; Objeto nulo; Retomada anafórica.

**ABSTRACT:** This paper presents a study on two phenomena involving pronouns that have been occurring concomitantly in the history of Brazilian Portuguese (BP): the realization of a third person direct object and the overt pronoun in subject position. We made a diachronic research that sought to (i) verify if there was an increase of overt pronominal subjects in the interval of 20 years in Porto Alegre (RS); (ii) verify if there was an increase of null objects in the same period, in that same city; and (iii) verify which semantic-discursive features of the referent (animacy, specificity or semantic gender) are acting as triggers for pronoun manifestation in pronominal subject and direct object occurrences. We analyzed two spontaneous spoken language corpora: the VARSUL corpus of the 1990s and the LínguaPOA corpus, produced and transcribed between 2015 and 2018. We also used NURC data, based on Monteiro's (1994) survey. Our results show that there was only a slight increase in the occurrences of overt subject in the time period, which indicates that this change is stable in BP. In the same way, we also found only a slight increase in null objects in the period, which also seems to indicate the stabilization of a change. In relation to the third objective, we show that the distribution of

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. [gabriel.othero@ufrgs.br](mailto:gabriel.othero@ufrgs.br).

<sup>2</sup> Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. [ana.carolina.spinelli@gmail.com](mailto:ana.carolina.spinelli@gmail.com)

null vs. overt subjects and null objects vs pronouns could be (to some extent) explained by the semantic gender hypothesis. For some deviant cases, we leave suggestions for the future research.

**Keywords:** Pronominal subject; Null object; Anaphoric relation.

## 1. COMEÇANDO A CONVERSA: O PROBLEMA, OS OBJETIVOS E A METODOLOGIA<sup>3</sup>

Desde, pelo menos, a década de 1990 (em especial a partir dos trabalhos pioneiros de Duarte, 1993, 1995 e Cyrino, 1994/1997), dois fenômenos característicos da gramática do PB vêm sendo investigados de maneira sistemática: a omissão e a expressão de sujeitos e objetos diretos pronominais, em especial envolvendo a 3ª pessoa. Alguns poucos estudos, no entanto, tratam desses fenômenos de maneira unificada (o pioneiro entre eles sendo, provavelmente, Tarallo, 1983) e tentam mostrar os princípios gramaticais que estariam por trás de ambos os fenômenos, em uma abordagem unificada. Esse será justamente nosso objetivo central aqui: esboçar uma explicação unificada para o fenômeno de omissão e expressão do pronome de 3ª pessoa na função de sujeito e de objeto direto em PB. De maneira mais pormenorizada, perseguiremos aqui três objetivos centrais, dois de cunho empírico e um de natureza teórica. São eles:

- (i) verificaremos se as ocorrências de *sujeito pronominal expresso* diminuíram ou aumentaram no intervalo de mais ou menos 20 anos no PB falado em Porto Alegre (RS), através da análise de *corpora* orais;
- (ii) verificaremos se as ocorrências de *objeto nulo* diminuíram ou aumentaram no intervalo de mais ou menos 20 anos no PB falado em Porto Alegre, através da análise de *corpora* orais;
- (iii) verificaremos quais traços semânticos do referente podem estar atuando como gatilho para a manifestação do pronome ou de categoria vazia nas ocorrências de sujeito e de objeto direto de 3ª pessoa.

Para alcançarmos nossos objetivos, analisamos 12 entrevistas sociolinguísticas realizadas em Porto Alegre que constituíram nosso *corpus* de análise. Seis entrevistas são provenientes do *corpus* do projeto VARSUL<sup>4</sup>, da década de 1990, e seis entrevistas do *corpus* LínguaPOA<sup>5</sup>, realizadas entre os anos 2015 e 2018. Nossa

---

<sup>3</sup> Alguns colegas leram este texto em versões preliminares e a eles queremos deixar registrado nosso agradecimento por seus comentários e sugestões: César Trindade, Luisandro Mendes de Souza, Mônica Rigo Ayres, Sergio Menuzzi e Sonia Cyrino. Também agradecemos pela interlocução com Aline Gravina, Eduardo Soares e Maria Eugênia Duarte, que sempre nos apresentam exemplos e contra-argumentos interessantes. Finalmente, agradecemos pela leitura atenta e pelos comentários de dois pareceristas anônimos da revista. Todos os erros e equívocos do texto são de responsabilidade inteiramente nossa.

<sup>4</sup> Sobre o VARSUL, cf. Bisol, Menon & Tasca (2008), Collischonn & Monaretto (2012), Bisol & Monaretto (2016).

<sup>5</sup> O LínguaPOA é um acervo de entrevistas sociolinguísticas de informantes da cidade de Porto Alegre e faz parte do projeto Variação fonético-fonológica e classe social na comunidade de fala de Porto Alegre, coordenado pela Profa. Dra. Elisa Battisti (UFRGS, CNPq).

amostra se constituiu de 112.415 palavras. Todas as entrevistas são compostas por diálogos entre entrevistador e entrevistado, tratando-se, portanto, de amostras de fala espontânea. Também utilizamos dados de fala já reportados na literatura, como Monteiro (1994), que traz resultados de sua análise no *corpus* do NURC<sup>6</sup> (inclusive com dados específicos da cidade de Porto Alegre, no caso dos objetos nulos e pronominais de 3ª pessoa) e no trabalho de Othero & Spinelli (2017), que analisaram as ocorrências de objeto direto anafórico em amostras maiores do VARSUL (voltaremos a esses estudos nas próximas seções).

Vistos, então, o problema, os objetivos e a metodologia, podemos passar ao trabalho em si. Antes, contudo, é de bom tom que mostremos ao leitor como o artigo está organizado: Na próxima seção, apresentaremos os fenômenos que são nosso objeto de estudo aqui: o sujeito nulo e expresso (seção 2.1) e o objeto nulo e expresso em PB (seção 2.2). Na seção 3 do artigo, apresentaremos os traços semânticos do referente que investigamos: animacidade, especificidade e gênero semântico. Na seção 4, discutimos cada um de nossos três objetivos, sustentando nossas conclusões e análises nos dados empíricos que encontramos. Finalmente, tecemos algumas considerações finais ao trabalho.

## 2. O SUJEITO E O OBJETO NULOS E EXPRESSOS EM PB

### 2.1 Sujeito nulo e expresso em PB

Há um debate na literatura sobre se o PB é uma língua de sujeito nulo parcial ou se está em processo de mudança (entre ser uma língua *+pro-drop* para ser uma língua *-pro-drop*), seguindo a tipologia que encontramos em Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009), Holmberg (2010) e Roberts (2010). Não entraremos diretamente nessa discussão aqui em nosso trabalho, ainda que nossos dados – como veremos – sugiram que o processo de mudança por que o PB passou com relação à expressão do sujeito parece ter se estabilizado. O fato, entretanto, é que o PB vem, historicamente, preferindo construções com sujeito expresso a construções com sujeito nulo (cf. Duarte, 1993, 1995, 2012, Gravina, 2014a,b). O estudo da realização dos sujeitos referenciais definidos em português provavelmente se iniciou com Tarallo (1983); no entanto, foi Duarte (1993, 1995) quem primeiro buscou mostrar essa mudança em termos diacrônicos (e paramétricos) de maneira sistematizada. Nas palavras de Duarte:

Meu interesse em examinar a realização dos sujeitos referenciais definidos foi despertado pelo próprio Tarallo (1983), que já atestara em cartas a assimetria “sujeitos expressos-objetos nulos” no português brasileiro (PB), apontada no mesmo ano no estudo formal de Moreira da Silva [cf. Moreira da Silva (1983)]. Meu capítulo “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil” [Duarte (1993)] permitiu observar a mudança em direção aos sujeitos pronominais expressos numa amostra de peças escritas e ambientadas no Rio de Janeiro, consideradas como representativas da fala de grupos sociais, particularmente urbanos, de cada época retratada. (DUARTE, 2012, p. 11)

---

<sup>6</sup> Sobre o NURC, cf. Callou (1999) e Castilho (2002), por exemplo.

Duarte (1993) investigou o fenômeno do sujeito nulo (em comparação com o sujeito pronominal preenchido) em peças teatrais cariocas de caráter popular que compreendem o período de 1845 a 1992. Nessa análise pioneira, foram levados em conta unicamente os sujeitos pronominais (nulos ou plenos) com referência definida, tendo sido excluídas as estruturas coordenadas com sujeitos correferentes, já que elas “parecem constituir um contexto universal para o uso do sujeito nulo” (DUARTE, 1993, p. 111). A autora demonstrou que o PB apresenta um declínio na ocorrência de sujeito nulo referencial definido e um consequente aumento do preenchimento do sujeito pronominal. Esses seriam, para ela, os primeiros indícios de um processo de mudança em progresso no PB: a preferência pela manifestação do sujeito (nesse caso, dos sujeitos pronominais). Além disso, foi possível notar que o percurso da mudança de sujeito nulo para sujeito pronominal preenchido se dava de forma diferente de acordo com a pessoa do discurso: nas duas últimas peças analisadas por Duarte, os pronomes de 1ª e 2ª pessoas apresentavam índices semelhantes de sujeito preenchido, enquanto a 3ª pessoa, ainda que afetada pelo declínio dos sujeitos nulos, apresentava menos ocorrências de sujeito preenchido. O aumento gradativo no preenchimento de sujeito a cada período de tempo analisado por Duarte (1993) aparece sistematizado no gráfico abaixo:

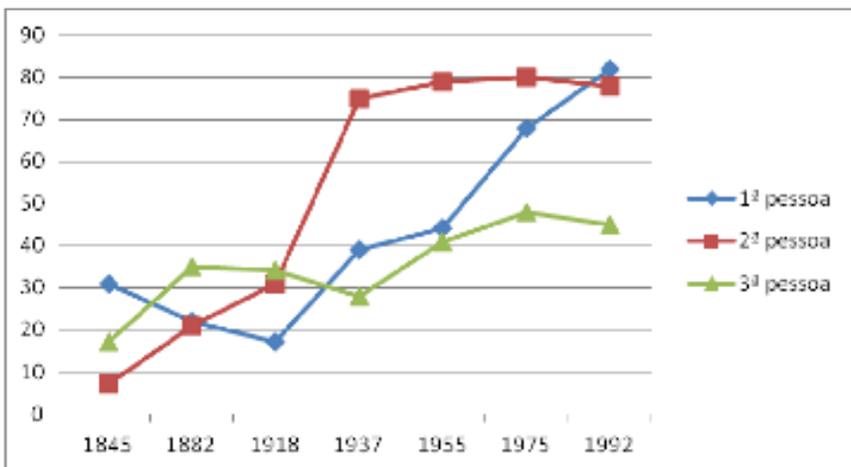


Gráfico 1. A trajetória do sujeito preenchido ao longo do tempo.  
Fonte: Duarte (1993, p. 117)

Repare que, nos dois primeiros períodos estudados por Duarte (1993), o *default* era o sujeito nulo. A partir do começo do século XX, entretanto, nota-se um aumento expressivo no índice de sujeitos de 2ª pessoa plenos. Nos casos de 1ª pessoa, a curva não é tão acentuada, mas é consistente em direção ao preenchimento do sujeito. Quando vemos a análise da 3ª pessoa, no entanto, percebemos um comportamento um pouco diferente. A assimetria entre os sujeitos pronominais de 1ª e 2ª pessoas, por um lado, e o sujeito de terceira pessoa, por

outro, fica evidente. De qualquer maneira, Duarte (1993) mostra que o sujeito nulo é um fenômeno em declínio no PB – o que também é comprovado por outros trabalhos de cunho diacrônico, como Gravina (2014b), por exemplo, em sua análise de textos jornalísticos de Portugal e do Brasil dos séculos XIX e XX, ou mesmo Tarallo (1983), que já mencionamos.

Em investigação recente, Othero & Spinelli (2019) analisaram duas peças teatrais cariocas de 2011 e 2013 e verificaram que o PB está favorecendo o preenchimento de sujeitos pronominais também na 3ª pessoa, algo que não havia sido constatado nos estudos de Duarte (1993, 1995). Os autores encontraram resultados semelhantes aos apresentados na análise da peça teatral de 1992 feita por Duarte (1993) no que se refere às 1ª e 2ª pessoas: esses sujeitos tendem a ser expressos (72% de ocorrências da primeira pessoa e 76,6% das ocorrências de segunda pessoa são expressos). Já para a 3ª pessoa, Othero & Spinelli observaram um aumento no nível de preenchimento do sujeito pronominal, o que indica que o PB está favorecendo orações com sujeitos pronominais preenchidos foneticamente em todas as pessoas do discurso. No gráfico 2, estão apresentados os dados dos séculos XIX e XX de Duarte (1993) juntamente com os dados do século XXI analisados por Othero & Spinelli (2019):

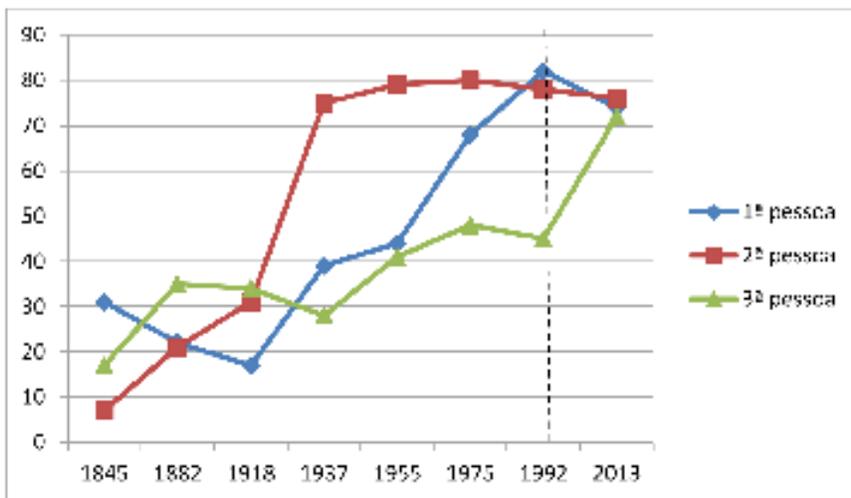


Gráfico 2. Continuando a análise de peças teatrais, desde Duarte (1993).  
 Fonte: Othero & Spinelli (2019, p. 16).

Aqui podemos ver um efeito de continuidade com os dados encontrados por Duarte (1993): as ocorrências de sujeito preenchido na 3ª pessoa, que na análise de Duarte apresentaram grande assimetria em comparação com as ocorrências de 1ª e 2ª pessoas, aumentaram consideravelmente, mostrando que a assimetria – entre a 1ª e 2ª pessoas, de um lado, e a 3ª pessoa, de outro – deixou de existir.

## 2.2 Objeto nulo em PB

O PB conta com diversos recursos anafóricos que podem funcionar na função de objeto direto do verbo. Aqui vamos investigar a retomada anafórica por clítico acusativo (1), objeto nulo (2) e por pronome pleno (3)<sup>7</sup>:

- (1) Comprei [dois livros novos]<sub>i</sub> mês passado, mas ainda não os<sub>i</sub> li.
- (2) Eu nunca fico endividado no fim do mês: assim que chegam [as contas]<sub>i</sub>, eu pago  $\emptyset$ <sub>i</sub>.
- (3) Encontramos [o Paulo]<sub>i</sub> na livraria ontem e cumprimentamos [ele]<sub>i</sub>.

Entre esses três tipos, a retomada mais comum em PB é a retomada por objeto nulo (cf. Cyrino, 1994/1997, Monteiro, 1994, Schwenter & Silva, 2003, Bagno, 2011, entre outros), por motivos que explicitaremos adiante. A retomada anafórica por pronome pleno é bastante especializada, como veremos. A retomada por clíticos, por seu turno, não faz parte da fala vernacular em PB, como mostraremos, ficando restrita a textos escritos monitorados (cf. Oliveira, 2007, Bagno, 2011, Othero et al. 2018). Esse processo de queda do clítico acusativo de terceira pessoa no PB deu lugar a duas diferentes estratégias de retomada anafórica, justamente: o uso de pronome pleno e o objeto nulo. Essas duas estratégias não acontecem de forma aleatória: há uma forte tendência de que a escolha entre retomada anafórica com pronome pleno ou com ON seja um fenômeno de distribuição complementar – ou algo próximo disso –, como veremos.

Analisaremos aqui duas hipóteses bem conhecidas na literatura acerca dos traços semântico-pragmáticos do referente, que estariam condicionariam a escolha de retomada por pronome pleno ou objeto nulo. Grande parte da literatura (Duarte (1993), Cyrino (1993, 1994/1997), Schwenter & Silva (2002, 2003), Schwenter (2006), entre outros), defende que os traços de *animacidade* e *especificidade* do antecedente são condicionadores da escolha entre objeto nulo ou pronome pleno. Alternativamente, outros trabalhos (Creus & Menuzzi (2004), Pivetta 2015, Ayres (2016), Othero et al. (2016), Coelho et al. 2017, entre outros) entendem que é a noção de *gênero semântico* do referente que permite “reformular as generalizações básicas do sistema de anáfora de objeto do PB, não mais em termos do traço de animacidade, mas de uma propriedade a ele associada – a presença ou não de gênero semântico” (CREUS; MENUZZI, 2004, p. 160). Veremos com detalhes essas duas propostas na próxima seção.

## 3. CONDICIONAMENTOS SEMÂNTICOS

O preenchimento ou não da posição de objeto e de sujeito anafóricos pode ser explicado pelos traços semânticos de seus referentes, como já havíamos antecipado. Tarallo (1983), em trabalho pioneiro, observou em cartas a presença

---

<sup>7</sup> Esses três exemplos foram criados por nós. Os demais serão exemplos autênticos extraídos dos corpora.

da assimetria “sujeitos expressos – objetos nulos” no PB. Duarte (1993), como já citamos, mostrou o processo de mudança em direção aos sujeitos pronominais expressos, ao passo que Cyrino (1993, 1997) mostrou como o objeto nulo se implementou em PB, no mesmo período em que Duarte percebeu a mudança em direção ao preenchimento do sujeito. O aumento do ON e a diminuição dos índices de sujeito nulo aconteceram paralelamente na história da língua (essa informação será importante para nós, mais adiante) e, acreditamos, podem ter o mesmo fator condicionante: os mesmos traços semântico-pragmáticos do referente.

Cyrino, Duarte e Kato (2000) investigaram a inter-relação desses processos e concluíram que “a referencialidade do sujeito e do objeto se mostrava altamente significativa interlinguisticamente para processos de mudança envolvendo a pronominalização” (DUARTE, 2012, p. 12). O trio de pesquisadoras propôs, então, uma hierarquia de referencialidade. Segundo sua hierarquia de referencialidade (ilustrada na figura 3 abaixo), elementos com o traço [+humano] estariam no ponto mais alto da hierarquia e elementos não argumentais ocupariam o ponto mais baixo.

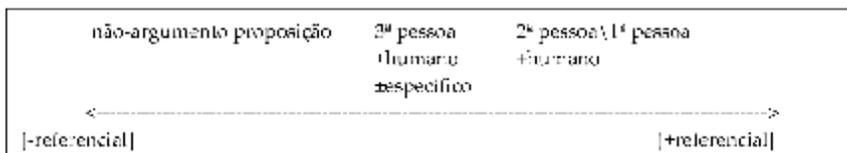


Figura 1. Hierarquia de referencialidade de Cyrino, Duarte & Kato (2000, p. 59).

Fonte: adaptado de Cyrino, Duarte & Kato (2000, p. 59).

Referentes mais altos na hierarquia têm a tendência de serem retomados por pronomes, enquanto referentes mais baixos na hierarquia são preferencialmente retomados por sujeitos nulos. Para as autoras, a hierarquia de referencialidade justifica o início de mudança da pronominalização do sujeito no PB pelos pronomes de segunda e terceiras pessoas (afinal estes são inerentemente humanos, estando no ponto mais alto da hierarquia).

No caso do objeto nulo, a mudança em direção ao predomínio da categoria vazia teria começado pelos antecedentes com menor referencialidade. Duarte explica a correlação objeto nulo-sujeito expresso afirmando que

[n]o caso específico dos dois processos de mudança em curso observados no PB, embora eles pareçam ter motivações independentes, foi possível concluir que eram ambos guiados pela mesma hierarquia de referencialidade. O objeto nulo se implementou no sistema a partir dos antecedentes com menor referencialidade, exatamente os que têm como antecedente uma proposição, para só mais tarde atingir os antecedentes representados por um SN, iniciando pelos que exibiam o traço [-específico]/[-animado] [...]. Os sujeitos pronominais plenos, seguindo caminho inverso, começaram a se implementar a partir dos itens mais referenciais – os pronomes de 1ª e 2ª pessoas, atingem mais lentamente a 3ª pessoa, a começar pelos antecedentes com traço [+humano], e progridem mais lentamente com referentes de 3ª pessoa. (DUARTE, 2012, p. 12)

Outra maneira de enxergar os dados é levando em consideração a hipótese do gênero semântico, formulada por Creus & Menuzzi (2004) para lidar com a

distribuição entre objeto nulo e pronominal em PB. Essa hipótese afirma ser o traço de gênero semântico o fator determinante para o uso de pronomes plenos ou elementos vazios na função de objeto direto anafórico em PB: “os efeitos dos traços de animacidade e especificidade [...] podem ser preditos por uma oposição única: a oposição entre os antecedentes que possuem e os que não possuem gênero semântico”.

Othero & Schwanke (2018, p. 156-7) afirmam que

O traço de gênero semântico diz respeito à classificação que distingue substantivos que denotam seres sexuados de substantivos que denotam seres não sexuados; ou, talvez de forma mais precisa, o traço distingue substantivos que denotam sexo natural aparente, como *homem, mulher, professor, cachorro*, etc., de substantivos que não denotam sexo natural aparente, como *mesa, livro, vítima, cônjuge, boneco, tartaruga*, etc. Referentes inanimados são marcados negativamente para esse traço; substantivos animados, contudo, não possuem necessariamente um gênero semântico específico: *pessoa, habitante, estudante*, etc. Ou seja, alguns substantivos possuem gênero gramatical, mas não gênero semântico inerente. A hipótese de Creus & Menuzzi (2004) é, basicamente, de que o traço de gênero semântico do referente atua como gatilho essencial para a retomada anafórica de objetos em terceira pessoa.

A ideia básica por trás dessa hipótese é a de que existem “três tipos pronominais” de 3ª pessoa. São elas:

*Ele* – masculino

*Ela* – feminino

Ø – não especificado para gênero

Nos casos em que o referente tem gênero semântico explícito (*o marido, uma professora, o cachorro*, etc.), sua retomada deve ser preferencialmente feita por um pronome (masculino ou feminino); nos casos em que o referente é marcado como [gênero semântico] (*a mesa, a vítima, uma testemunha*, etc.), sua retomada deve ocorrer preferencialmente por meio de um elemento vazio (Ø). Ou seja, o traço de [gênero semântico] favorecerá a exponenciação morfológica pronominal em PB, o que significa que sujeitos pronominais têm a tendência de apontar para referentes que apresentam gênero semântico aparente, enquanto sujeitos nulos têm a tendência de indicar referentes sem gênero semântico, tal como parece ser o caso com o objeto direto pronominal e nulo de 3ª pessoa (cf. Creus & Menuzzi 2004, Pivetta 2015, Ayres 2016, Othero et al. 2016, Coelho et al 2017, Othero & Schwanke 2018, que mostram como o traço de gênero semântico é o responsável pela grande parte dos casos da distribuição entre objetos pronominais de 3ª pessoa e ONs). Vejamos, a seguir, cada traço de maneira um pouco mais detalhada – animacidade, especificidade e gênero semântico.

### 3.1 O traço de animacidade

Duarte (1989) refere-se ao traço de animacidade do antecedente como um fator condicionador para a escolha entre objeto nulo e pronome pleno, sendo preferência de retomada anafórica por pronome pleno quando o antecedente

for [+animado] e preferência pela categoria vazia se o antecedente tiver o traço [-animado], como podemos ver nos seguintes exemplos:

- (1) Mas aí é bem numa hora que [o JP]<sub>i</sub> tá pedindo a minha atenção, né... ou banho ou janta ou alguma coisa, aí eu vou atender ele<sub>i</sub>.
- (2) E ele compra de vez em quando [areia]<sub>i</sub> pra mim, porque ele trabalha no Iguatemi, daí às vezes me esqueço da areia, ligo, ele traz Ø<sub>i</sub>.

Em (4), o antecedente *JP* apresenta o traço [+a] e, dessa maneira, parece mais natural retomá-lo por meio do pronome pleno *ele*. Em (5), pelo contrário, é controversa a aceitabilidade de retomada de *areia* com um pronome pleno, já que o referente aqui possui o traço [-a]. É o que vemos também nos exemplos com a retomada do sujeito, abaixo:

- (3) Não tenho pratos muito variados, [o Mariano]<sub>i</sub> não gosta de muita coisa. Ele<sub>i</sub> não gosta de lasanha, ele<sub>i</sub> não gosta de... coisas diferentes, ele<sub>i</sub> não gosta.
- (4) Então, a gente levou uma hora e meia para subir e na descida, né? Bem mais rápido sempre, né? Acho que levei, sei lá, acho que levei umas três horas n[o passeio]<sub>i</sub> todo. Ø<sub>i</sub> Foi um dos passeios mais bonitos que eu fiz lá, achei muito bonito mesmo.

Em (6), temos um pronome pleno na função de sujeito, já que o referente *Mariano* é [+a]. No exemplo (7), um sujeito nulo retoma um referente [-a]. Cyrino (1994/1997) chama a atenção para o fato de que o traço de animacidade, no entanto, não atua como fator isolado no condicionamento entre pronome pleno ou objeto nulo. Cyrino mostrou que o traço de especificidade do antecedente também é relevante para a distribuição entre ONs e objetos pronominais

### 3.2 O traço de especificidade

A especificidade, ao contrário da animacidade, é um traço discursivo, o que significa que é necessário analisar o contexto em que o referente ocorre para definirmos se ele será específico ou não: “um objeto direto é específico se, de acordo com a perspectiva do falante, o referente tem uma única identificação. Caso não haja um único referente, não é específico” (Cyrino, em comunicação pessoal, *apud* Pivetta 2015, p. 57). É o que vemos nos exemplos a seguir:

- (1) Eu vou tirar a mesa, desmontar [a mesa da sala]<sub>i</sub> e botar Ø<sub>i</sub> no chão.
- (2) Que o bom era sair com [roupas descartáveis]<sub>i</sub>, em qualquer lugar tu vais largando Ø<sub>i</sub> e vais comprando Ø<sub>i</sub>, né?

Em (8), o antecedente *a mesa da sala* é [+específico] porque tem uma única identificação sob a perspectiva do falante (é a mesa da sala de sua casa, e não qualquer outra mesa); em (9), o referente *roupas descartáveis* não se refere a alguma roupa específica que o informante possui, mas a roupas descartáveis de

maneira geral. Cyrino (1994/1997) observou um aumento no total de ocorrências de ONs no século XIX justamente com referentes [-a, -e], como é o caso do nosso exemplo em (9). Alguns estudos recentes, contudo, sugerem que o traço de animacidade é o traço relevante na retomada anafórica pronominal ou por objeto nulo, descartando a especificidade do referente como relevante para o fenômeno (cf. Coelho et al 2017 e Othero et al 2018). Essa intuição, aliás, já tinha sido responsável por levar Creus & Menuzzi (2004) a formularem uma alternativa à hipótese da combinação dos traços de animacidade e especificidade – a hipótese do gênero semântico, mencionada anteriormente e detalhada na próxima seção.

### 3.3 O traço de gênero semântico

Diferenciando-se do gênero gramatical, o gênero semântico diz respeito à classificação semântica do substantivo e se refere aos substantivos que nomeiam seres com sexo natural identificável. Para Creus & Menuzzi (2004, p. 152):

[o] conceito de “gênero gramatical” refere-se à classificação morfossintática dos substantivos, isto é, aquela que determina suas relações de concordância gramatical. Em português, há duas classes morfossintáticas de substantivos, os de “gênero masculino” e os de “gênero feminino”. Estas classes podem ser marcadas pela desinência mórfica do próprio vocábulo, ou somente se manifestam pelo sistema de concordância (com os artigos definidos, por exemplo: *o menino/carro; a menina/mesa; o paciente/problema; a paciente/mão*). Note-se que possuem “gênero gramatical” todos os substantivos do português – não apenas os que denotam referentes animados (*menino, paciente, etc.*) como também os que denotam referentes inanimados (*mesa, problema, etc.*).

Embora todos os substantivos, em português, tenham gênero gramatical, nem todos possuem gênero semântico. É a noção de gênero semântico, ainda segundo Creus & Menuzzi, que permite “reformular as generalizações básicas do sistema de anáfora de objeto do PB, não mais em termos do traço de animacidade, mas de uma propriedade a ele associada – a presença ou não de gênero semântico” (2004, p. 160). Os autores argumentam que as formas *ele/ela* portam especificações de gênero (retomando, então, referentes com o traço [+gs]), enquanto os objetos nulos são justamente não especificados para gênero (retomando, portanto, antecedentes de traço [-gs]). Abaixo, vemos alguns exemplos do *corpus*.

- (1) É tenso porque o pessoal não tem um transporte de qualidade. Muitas vezes, o motorista não colabora com [os passageiros]<sub>i</sub>, e acaba apressando Ø<sub>i</sub> ou também desrespeitando Ø<sub>i</sub>.
- (2) Em dezembro, [essa minha vó]<sub>i</sub> que morava com a gente, ela<sub>i</sub> era uma excelente cozinheira de doces. Ela fazia [amanteigados]<sub>j</sub>, pra vender e eu ajudava ela<sub>i</sub> a pintar Ø<sub>j</sub> e decorar Ø<sub>j</sub>.

O exemplo (10) apresenta um objeto animado, mas não marcado gênero semântico, *os passageiros*, sendo retomado por categoria vazia. O exemplo (11) é interessante porque ilustra, em um mesmo trecho, um referente com gênero semântico marcado (*minha vó*) sendo retomado por pronome, tanto na

função de sujeito como de objeto (pelo pronome pleno *ela*), e um referente [-gs] (*amanteigados*) sendo retomado por categoria vazia.

## 4. ANÁLISE E RESULTADOS

### 4.1 sujeitos nulos e pronominais

Encontramos 845 ocorrências de sujeitos de 3ª pessoa nos *corpora* analisados: 442 ocorrências no VARSUL e 403 no LínguaPOA. No *corpus* do VARSUL, encontramos 106 sujeitos nulos e 336 sujeitos pronominais; no LínguaPoa, encontramos 86 sujeitos nulos e 317 sujeitos expressos, tal como apresentamos na tabela 1, que segue abaixo dos exemplos:

Sujeito nulo:

- (1) Naquela ocasião estava muito frio, nós estávamos subindo pra serra e fechamos o carro todo e aí a Variant aquela tem [o motor]<sub>i</sub> dentro, né? Ø<sub>i</sub> Ficava atrás.

Sujeito expresso:

- (2) [O Mariano]<sub>i</sub> me pede sempre: “mãe, faz aquele teu arroz com galinha”, né, arroz com galinha, faço aí, assim, uma vez por semana faço fe(i)jão, congelo pra gente, ahn, e alguma outra coisa, assim, que [ele]<sub>i</sub> me diga durante a semana: “mãhe, eu tô com vontade de come(r) tal coisa essa semana”, por exemplo, panqueca. Aí eu faço o guisadinho no final de semana, deixo congelado. Aí naquele dia que [ele]<sub>i</sub> que(r) come(r) a panqueca, aí eu só faço a massa na hora.

Tabela 1. Total de ocorrências sujeitos nulos e expressos por pronome.

	VARSQL (década de 1990)	LINGUAPOA (2015-2018)
Sujeitos nulos	106 (24%)	86 (21,3%)
Sujeitos pronominais	336 (76%)	317 (78,7%)
Total de ocorrências	442 (100%)	403 (100%)

Fonte: autores.

Repare que a maior parte dos sujeitos de 3ª pessoa são expressos (lembrando que estamos contrastando apenas sujeitos nulos vs sujeitos pronominais de 3ª pessoa; não contabilizamos sujeitos preenchidos por SNs ou por outros pronomes). Encontramos uma porcentagem de sujeito de terceira pessoa preenchido muito maior do que aquela atestada por Duarte (1993) e semelhante ao que reportaram Othero & Spinelli (2019) em peças teatrais para o início do século XXI (tal como vimos no gráfico 2). Os resultados do *corpus* LínguaPOA, que traz entrevistas coletadas entre 2015 e 2018, indicam um leve aumento das ocorrências de sujeitos

pronominais de terceira pessoa (de 76% a 78,7%). Não acreditamos que esse aumento seja significativo; é mais plausível pensar (considerando outros estudos diacrônicos sobre o preenchimento de sujeitos em PB, como Duarte, 1993, 1995, e Gravina 2014a,b, e mesmo estudos sincrônicos de outras sincronias, como Monteiro 1994, que analisa dados de fala do NURC, da década de 1970), que estamos diante de um *processo de mudança estável* na língua, o que certamente fornece argumento empírico robusto para a discussão sobre se o PB é uma língua de sujeito nulo parcial ou se está em processo de mudança paramétrica, como sugerem os trabalhos de Duarte e associados (ver Duarte, 2012, por exemplo). Não entraremos nessa discussão aqui; pretendemos retomar esse tópico em trabalhos futuros.

Para ilustrar a mudança ocorrida e sua estabilização, retomamos aqui o gráfico 2 (de Othero & Spinelli 2019, p. 16) e incluímos alguns dados (tenha em mente, entretanto, que os dados que acrescentamos ao gráfico abaixo são provenientes de *corpora* falados). Além de adicionarmos os dados de nossa pesquisa, referentes aos anos 1990 (VARSUL) e 2015-18 (LinguaPOA), acrescentamos também os dados de Monteiro (1994), que investigou (entre outros tantos tópicos) a presença vs ausência de sujeito pronominal de 3ª pessoa no *corpus* de fala do NURC, da década de 1970. Monteiro (1994, p. 134) encontrou 1.816 ocorrências de sujeitos pronominais preenchidos de 3ª pessoa e 2.238 ocorrências de sujeitos nulos de 3ª pessoa (i.e. 44,8% vs 52%)<sup>8</sup>.

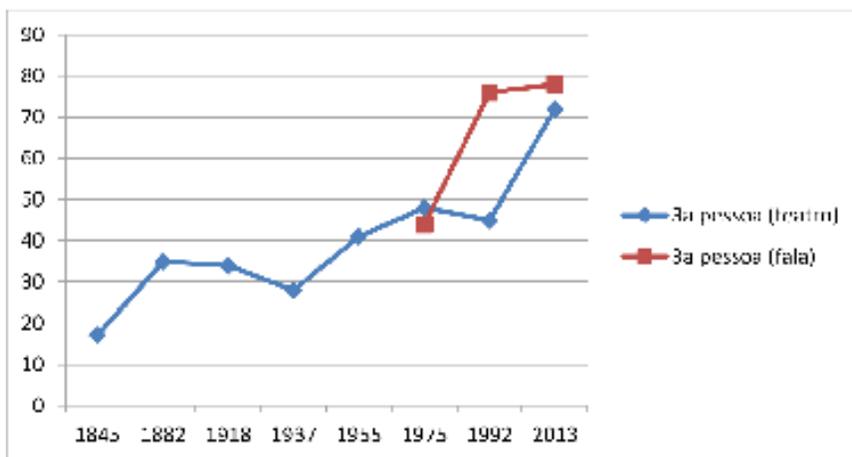


Gráfico 3. A trajetória do sujeito preenchido de 3ª pessoa ao longo do tempo: em peças de teatro (1845 – 2013) e em dados de fala culta espontânea (década de 1970 – 2018).

Fonte: autores (a partir dos gráficos 1 e 2, de Duarte 1993 e Othero & Spinelli 2019), respectivamente.

<sup>8</sup> Outra advertência deve ser feita aqui: Monteiro (1994) analisou gravações do NURC das cinco capitais estudadas (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife). Nossos dados são provenientes apenas de Porto Alegre. Infelizmente, Monteiro não separou as ocorrências de sujeito nulo e preenchido por capital estudada, mas felizmente ele fez isso em seu estudo sobre o objeto nulo, tal como reportamos na próxima seção.

Repare como as ocorrências de sujeito pronominal de 3ª pessoa são muito mais numerosas na fala já na década de 1990 em comparação com os registros das peças de teatro dessa mesma época. Observe que o percentual de sujeitos pronominais preenchidos nas peças de teatro parece estar vinte anos “atrás” do que já se registra na fala vernacular culta em PB: a peça de 1992 reflete o que encontramos nos dados de fala da década de 1970, ao passo que as peças de 2013 refletem o que encontramos na fala da década de 1990. Ainda que as peças teatrais analisadas nos trabalhos de Duarte e Othero & Spinelli sejam de tom popular, consideradas representativas da fala de grupos sociais particularmente urbanos de cada época retratada (da mesma forma como o perfil dos informantes do NURC, do VARSUL e do LínguaPOA), é inegável que a escrita literária é mais conservadora e mascara algumas mudanças contemporâneas, como o caso do preenchimento pronominal do sujeito. De qualquer maneira, é interessante notar que o acento acentuado nas ocorrências de sujeito pronominal expresso na fala em PB aconteceu entre 1970 e 1990 (é o que a comparação entre os dados do NURC e do VARSUL nos mostram). Tal crescimento se reflete no *corpus* de peças de teatro investigado por Duarte (1993) e Othero & Spinelli (2019) com 20 anos de atraso: é no intervalo entre 1990 e 2010 que verificamos o mesmo aumento percentual de sujeitos pronominais preenchidos. Nesse mesmo intervalo (1990 – 2010), verificamos o resultado da mudança em curso finalizado: alto índice de sujeitos preenchidos que, aparentemente, não subiram de maneira significativa (ficando na casa dos 78%). Curiosamente, é o mesmo que vamos observar no estudo do objeto nulo, na próxima seção.

#### 4.2 Objetos nulos e pronominais

Para nosso estudo do ON e pronominal de 3ª pessoa, tivemos acesso a mais dados do que as 12 entrevistas que analisamos para o sujeito. Além delas, pegamos emprestados novamente os dados de Monteiro (1994), em sua pesquisa no *corpus* do NURC, e os dados de Othero & Spinelli (2017), em sua investigação sobre o objeto nulo com 19 entrevistas do VARSUL. Tanto os dados do NURC, como os do VARSUL, de Othero & Spinelli (2017), são provenientes de informantes de Porto Alegre. Abaixo dos exemplos, apresentamos a tabela 2, contrastando (como fizemos na seção anterior) os dados do VARSUL e do LínguaPOA:

Objeto nulo:

- (1) Porque era seis horas a hora que eu chegava em casa, ela me dava [a Zero Hora]<sub>i</sub>, aí eu trazia  $\emptyset$ <sub>i</sub> pra casa e lia  $\emptyset$ <sub>i</sub>.

Pronome pleno:

- (1) Agora esse ano como o [JP]<sub>i</sub> tem dez anos, começou a fazer catequese, eu levava ele<sub>i</sub> todos os domingos de manhã.

Tabela 2. Total de ocorrências de objetos nulos e pronomes plenos encontradas nos corpora.

	VARSQL	LINGUAPOA
Objetos nulos	218 (78,1%)	92 (82,1%)
Pronomes plenos	51 (18,3%)	20 (17,9%)
Pronomes clíticos	10 (3,6%)	0
Total de ocorrências	279 (100%)	112 (100%)

Fonte: autores.

Observe como a porcentagem de objetos nulos subiu levemente. Obviamente, estamos aqui, mais uma vez, diante de um aumento pouco expressivo, o que pode apontar, repetindo o que havíamos encontrado com os sujeitos pronominais, para um processo de mudança estável na língua. Isso é  *muito* interessante, no nosso entender, uma vez que – como dissemos – Tarallo (1983, 1993) havia identificado a correlação entre os fenômenos de sujeito exposto *vs* objeto nulo, mostrando que, à medida que a língua ia favorecendo estruturas com sujeito exposto, ia, também, favorecendo construções com objeto nulo. É o que vemos no gráfico abaixo:

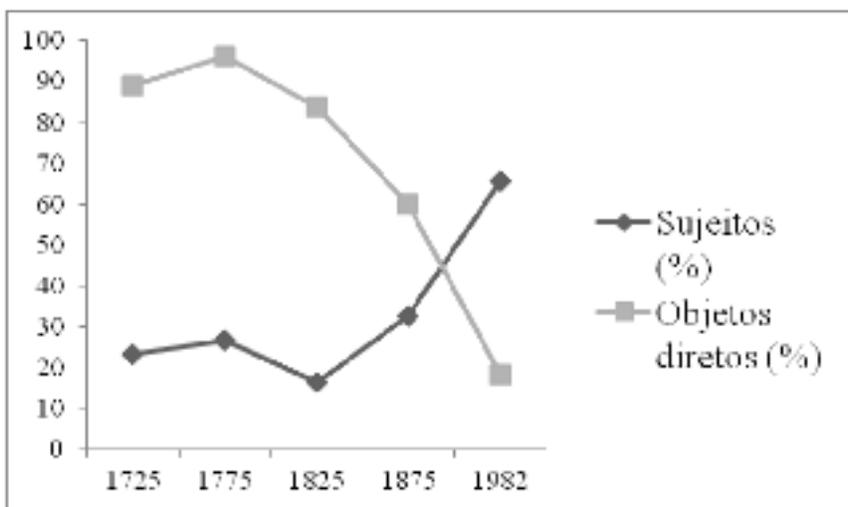


Gráfico 4: Correlação entre explicitação do sujeito e apagamento do objeto ao longo do tempo em trabalho de Tarallo (1993). Fonte: Bagno (2011, p. 471)

Ora, os trabalhos pioneiros (como Duarte 1993, 1995 e Cyrino 1994/1997) mostraram, através de análise diacrônica, justamente essa intuição de Tarallo: os dois fenômenos estão de fato relacionados: na medida em que o PB estava favorecendo orações com sujeito pronominal preenchido, o objeto nulo se tornava a retomada anafórica *default* de 3ª pessoa. E o que encontramos *agora*, em nosso trabalho, é uma *estabilização de ambas as mudanças*, acontecendo *no mesmo período* (final do séc. XX \ início do séc. XXI): tanto sujeito pronominal de 3ª

pessoa como objeto nulo de 3ª pessoa parecem ter se estabilizado (não encontramos acréscimo significativo do primeiro nem do segundo em nossos dados, como vimos).

Para termos uma noção melhor dessa estabilização da mudança, vejamos os dados analisados por Monteiro (1994), que retratam o PB falado na capital gaúcha na década de 1970 em entrevistas do projeto NURC. Assim, conseguimos analisar as ocorrências de objeto nulo vs pronominal em PB falado através de um espectro maior de tempo, da década de 1970 aos anos de 2015-2018. Os resultados encontrados por Monteiro (1994) já indicavam a predominância do objeto nulo, mas ainda denunciavam o uso do clítico acusativo como estratégia relativamente produtiva na fala vernacular<sup>9</sup>. É o que vemos na tabela 3 abaixo:

Tabela 3. Retomada anafórica pronominal nos corpora do NURC, VARSUL e LínguaPOA.

	NURC (década de 1970)	VARSUL (década de 1990)	LINGUAPOA (2015-18)
Objetos nulos	84%	78,1%	82,1%
Pronomes plenos	2%	18,3%	17,9%
Pronomes clíticos	14%	3,6%	0%
Total	100%	100%	100%

Fonte: autores.

O alto índice de objetos nulos encontrados por Monteiro (1994) em Porto Alegre já chama a atenção, assim como a (praticamente) ausência de diferença entre os dados da década de 1970 com os dados do VARSUL (década de 1990) e do LínguaPOA (2015-2018) sobre o objeto nulo.

Observe, por outro lado, que os índices de pronomes clíticos de terceira pessoa, nos dados da década de 1970, são bastante elevados (14%) quando comparamos com o que encontramos nas entrevistas do VARSUL, realizadas aproximadamente 20 anos depois, (apenas 3,6% de pronomes clíticos) e no *corpus* LínguaPOA, cujas entrevistas foram realizadas cerca de 20 anos depois das entrevistas do VARSUL. Esses dados podem ser mais bem visualizados no gráfico 5:

<sup>9</sup> Em uma amostra do NURC-RJ de 1992, Freire (2005) encontrou 88,5% de ONs, 6,5% de retomadas por pronomes plenos e 5% por clíticos (agradecemos a um parecerista anônimo por nos apontar o trabalho de Freire). Esses números corroboram nosso ponto aqui.

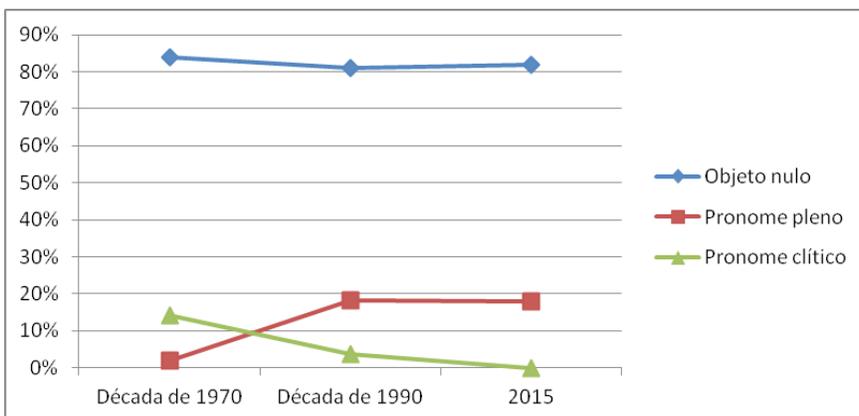


Gráfico 5 - Ocorrências de objetos nulos e pronomes nos corpora analisados.

Fonte: autores.

Observe que a década de 1990 foi palco de outra mudança na gramática do PB: o desaparecimento dos clíticos pronominais de 3ª pessoa, que cedem seu lugar aos pronomes plenos em função de objeto direto anafórico na fala vernacular. Veja que Monteiro (1994) encontrou apenas 2% das retomadas anafóricas de objeto direto feitas em por meio do pronome pleno. Nos dados do VARSUL, esse número sobe para 18,3%, e, nos dados do LinguaPOA, ficam em 17,9%. Mais uma vez, parece que esse período (final do séc. XX, início do XXI) foi crucial para constataremos (i) *a queda do clítico de 3ª pessoa em PB vernacular* e (ii) o consequente aumento da retomada anafórica com pronome pleno<sup>10</sup>, além da (iii) estabilização do índice de objetos nulos e (iv) de sujeitos expressos.

Chegamos à conclusão, então, de que os objetos nulos já não estão num crescendo, mas parecem ter se estabilizado como a forma preferencial de retomada anafórica de terceira pessoa em PB. Da mesma maneira, os sujeitos pronominais também parecem estar em estado estável. Para o sujeito anafórico de 3ª pessoa, a gramática conta com uma opção preferencial (sujeito pronominal preenchido) e outra “circunstancial” (sujeito nulo). Na retomada anafórica do objeto direto, por outro lado, vimos que, com a queda dos clíticos de 3ª pessoa, a gramática do PB passou a contar com duas estratégias de retomada: o objeto nulo (a opção preferencial) e o uso do pronome pleno (a opção “circunstancial”). Resta-nos explicar em quais contextos cada uma dessas estratégias se especializou e tentar entender essa distribuição. É o que faremos na próxima seção.

<sup>10</sup> Othero et al (2018) constataram o aumento da estratégia do pronome pleno na função de objeto direto (e a queda do clítico de 3ª pessoa) até mesmo em linguagem escrita contemporânea. Eles pesquisaram ocorrências no Twitter e “em 595 ocorrências de retomadas de objetos diretos anafóricos de 3ª pessoa que analisamos, encontramos a seguinte distribuição: 407 (68,4%) ocorrências de ONs e 188 (31,6%) de pronomes plenos (e nenhuma ocorrência de retomada por pronome clítico)” (p. 76-77).

### 4.3 Traços semânticos do referente

#### 4.3.1 O sujeito

Começamos a análise das ocorrências de sujeitos nulos e expressos do VARSUL classificando cada referente de acordo com seus traços de animacidade e especificidade. Abaixo dos exemplos, na tabela 4, apresentamos as ocorrências de sujeito classificadas de acordo com os traços investigados.

- (1) [Minha mãe]<sub>i</sub> conta as mesmas histórias assim há bastante tempo, né? Então, [ela]<sub>i</sub> conta e repete as histórias e tal. [+a, +e]
- (2) Descendo [peixe]<sub>i</sub> na cachoeira, Ø<sub>i</sub> ia chegar virado num guisado lá embaixo, né? [+a, -e]
- (3) Já ouvi falar que [o plano diretor de Porto Alegre]<sub>i</sub> não é tão ruim, que Ø<sub>i</sub> até que é bom. Mas principalmente por Ø<sub>i</sub> não ser respeitado é que Porto Alegre está nesse estado. [-a, +e]
- (4) Eu queria gravar uma fita pra outra, e o meu som é de um deque só, né? (...) Ai Ø não fica bom<sup>11</sup>. [-a, -e]

Tabela 4. Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes [ $\pm a$ ,  $\pm e$ ].

Traços do referente	Sujeito nulo	Sujeito pronominal	Total
[+a, +e]	43 (13,5%)	277 (86,5%)	320
[+a, -e]	22 (31,5%)	48 (68,5%)	70
[-a, +e]	37 (78,7%)	10 (21,3%)	47
[-a, -e]	4 (80%)	1 (20%)	5

Fonte: autores.

Como já havíamos alertado, encontramos poucas ocorrências de sujeitos não animados (apenas 52/442 ocorrências). Da mesma forma (mas inversamente), veremos nas próximas seções a baixa ocorrência de objetos diretos que retomam referentes [+a]. Isso acontece porque

o objeto direto prototípico (nas línguas humanas, de maneira geral) é um referente *não animado* ou não humano (assim como o sujeito prototípico é um referente animado). Há diversos argumentos que sustentam essa ideia – ela não é nova (cf. HOPPER & THOMPSON, 1980, COMRIE, 1989, DOWTY, 1991, VAN VALIN, 1997, SCHWENTER, 2006, entre outros). (Othero et al. 2016, p. 11)

As poucas ocorrências encontradas, tanto de referentes com traços [-a, +e] quanto [-a, -e], apesar de nos indicarem a preferência por sujeito nulo, não são robustas justamente por serem pouco expressivas quantitativamente. O gráfico abaixo apresenta os dados da tabela 4:

<sup>11</sup> Aqui o referente é o som ou a gravação.

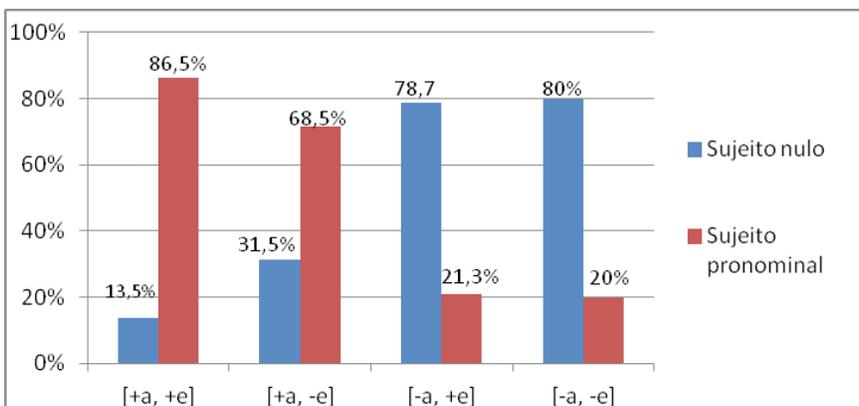


Gráfico 6. Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs pronominal com referentes [±a, ±e].  
Fonte: autores.

Repare como o traço de animacidade é relevante no condicionamento do sujeito nulo ou pronominal independentemente da marcação do traço de especificidade. Em contrapartida, referentes com o traço [-a] tendem a ser retomados por categoria vazia. O traço de especificidade, nesse caso, não contribui como fator determinante para a escolha entre sujeito nulo ou pronominal. Se fizermos um novo gráfico desconsiderando o traço de especificidade, os resultados serão semelhantes aos que encontramos acima:

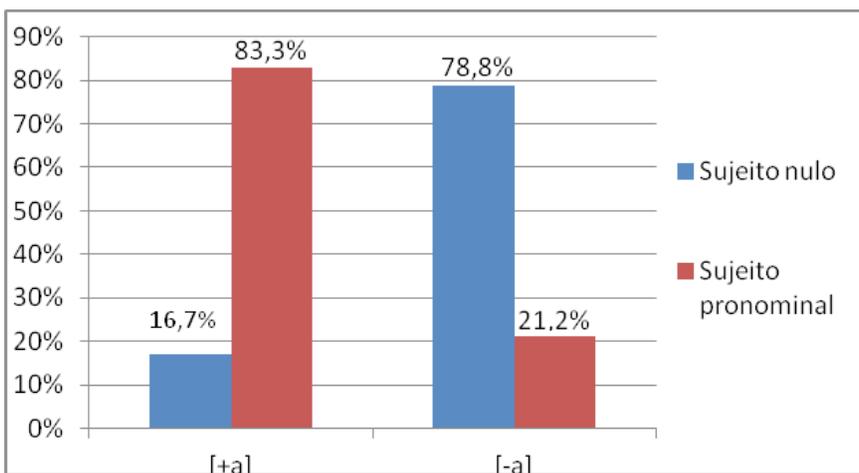


Gráfico 7. Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs pronominal com referentes [±a].  
Fonte: autores.

Repare que a maioria dos referentes marcados com o traço [+a] são expressos por meio de pronomes, enquanto os referentes marcados com o traço [-a] são expressos majoritariamente com sujeito nulo. As porcentagens são muito semelhantes às encontradas no gráfico 7, o que comprova a pouca influência do

traço de especificidade nos casos aqui estudados (os dados do *corpus* LínguaPOA, contudo, nos mostrarão resultados distintos). Esse problema, como alertamos anteriormente, levou Creus & Menuzzi (2004) a formularem a hipótese do gênero semântico, justamente. Os resultados que encontramos quando analisamos o gênero semântico dos referentes foi bem polarizado. É o que mostramos na tabela 5, abaixo dos exemplos.

- (1) [O meu pai]<sub>i</sub> contava as histórias também dos jogos dele, dos jogos de futebol que ele<sub>i</sub> gostava muito de jogar, que os amigos sempre passavam aqui pra pegar, porque ele<sub>i</sub> também morou nessa casa. [+gs]
- (2) Eu penso quinhentas vezes, assim, antes de vota(r). Aí fica todo mundo me dizendo: “que que adianta tu vota(r) n[essa criatura]<sub>i</sub>, Ø<sub>i</sub> não vai se eleger”. (...) Eu digo: “não, eu escuto na televisão, pra mim é o melhor discurso”, né, então é n[essa criatura]<sub>i</sub> que eu vou vota(r), independente se Ø<sub>i</sub> vai se eleger(r), se não vai se eleger(r), mas eu fiz a minha parte, fui lá, votei. [-gs]

Tabela 5. Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs pronominal com antecedente [ $\pm$ gs].

Traço do referente	Sujeito nulo	Sujeito pronominal	Total
[+gs]	32 (11,4%)	250 (88,6%)	282 (100%)
[-gs]	74 (46,3%)	86 (53,7%)	160 (100%)

Fonte: autores.

Os dados da tabela 5 podem ser mais bem visualizados no gráfico 8:

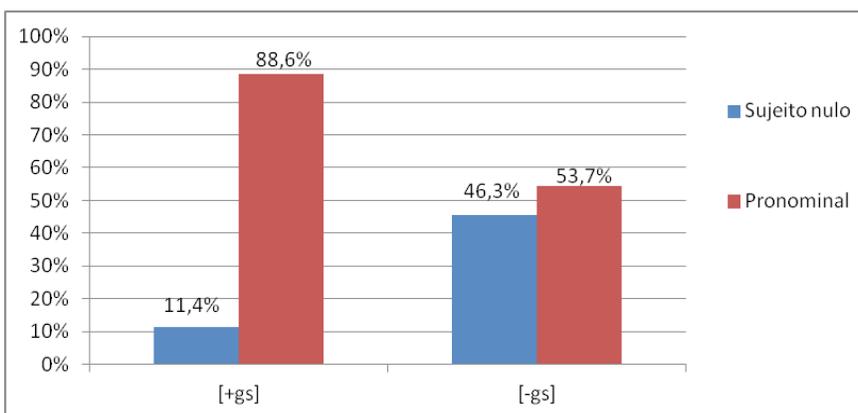


Gráfico 8. Distribuição, no corpus VARSUL, de sujeito nulo vs pronominal com referentes [ $\pm$ gs].

Fonte: autores.

Repare que, quando o referente tem gênero semântico aparente, a tendência é que ele seja expresso por sujeito pronominal e a polarização aqui fica ainda mais aparente do que a que encontramos quando consideramos apenas o traço de animacidade do referente ou a combinação entre os traços de animacidade e especificidade (repare, inclusive, que o exemplo 21 traz um referente +a, -gs sendo

retomado por categoria vazia). Por outro lado, quando observamos referentes sem gênero semântico, não chegamos nem perto de uma polarização evidente; pelo contrário, os dados estão distribuídos na faixa dos 50%, indicando uma aparente variação livre. Isso pode indicar que há aqui (na retomada de referentes [-gs]) um conflito entre diferentes princípios gramaticais: algum princípio gramatical que favoreça orações com sujeitos preenchidos e outro que favoreça orações com sujeitos nulos. Se for esse o caso, podemos estar lidando com o que Duarte (1995) já antecipara: a perda do princípio “evite pronome”, que favorece orações com sujeitos pronominais expressos em PB. A perda desse princípio geral do PB pode estar em conflito com um outro, também já conhecido na literatura e que garante que referentes baixos na hierarquia de Cyrino, Duarte & Kato (2000) (justamente os referentes que não têm gênero semântico), tendem a ser retomados por sujeitos nulos. Podemos estar testemunhando aqui um *conflito* entre esses dois princípios: o primeiro diz algo como “construções de sujeito nulo são penalizadas”, ao passo que o segundo diz algo como “referentes pouco referenciais (ou [-gs]) são preferencialmente retomados por categoria vazia” (sujeito nulo, no caso específico). O conflito entre esses dois princípios pode ser uma explicação para o fato de termos encontrado variação livre entre sujeitos pronominais expressos e sujeitos nulos nos casos em que o referente tem o traço [-gs].

Alternativamente, pode ser que não tenhamos analisado de maneira completa e suficientemente detalhada os casos em que referentes [-gs] são retomados por pronomes. Notamos, por exemplo, que muitos desses referentes [-gs] estão no plural e são, portanto, retomados pelos pronomes *eles* ou *elas*. Talvez, seguindo uma sugestão de Sergio Menuzzi (em comunicação pessoal), os traços gramaticais interpretáveis de gênero (semântico e não gramatical) e número favoreçam a retomada pronominal nesses casos. Se a categoria vazia ( $\emptyset$ ) é não especificada para gênero (semântico) ou número, então talvez seja o caso de ela ser usada justamente quando o referente *não* tem os traços de gênero e número marcados<sup>12</sup>. Caso contrário – caso o referente tenha os traços marcados de gênero (semântico) ou número (plural) –, haverá exponenciação morfológica desses traços, de acordo com os pronomes que temos no inventário morfológico em PB: *ele* (masculino singular), *eles* (masculino plural), *ela* (feminino singular), *elas* (feminino plural)<sup>13</sup>. Ou talvez ainda seja o caso de que outros fatores (como a marcação morfológica de flexão verbal, o tipo de construção sintática, a distância entre o pronome e seu referente, a proeminência de tópico) estejam atuando aqui também (cf. Marques de Souza, 2017, Soares, 2017, Duarte & Reis, 2018).

De qualquer maneira, não entraremos em detalhes aqui – apenas esboçaremos essas tentativas de explicação para essa distribuição “errática” com referentes

---

<sup>12</sup> Uma abordagem de traços para os pronomes em PB pode ser vista, por exemplo, em Carvalho (2008, 2014) e Cerqueira (2015, 2018) – ainda que esses autores não considerem o traço de gênero semântico (apenas o gramatical), como sugerimos aqui.

<sup>13</sup> Em trabalho em andamento, estamos investigando os referentes que estão no singular *versus* no plural. Aí poderemos ver a real influência do traço de número na exponenciação pronominal. Curiosamente, encontramos esse mesmo efeito tanto nas retomadas de sujeito como de objeto, como deixaremos claro nas próximas seções.

[-gs]. Deixaremos nossas sugestões para trabalhos futuros e seguiremos a análise dos dados, agora com os dados do *corpus* mais recente do LínguaPOA. Tal como fizemos com os dados do VARSUL, anotamos os sujeitos nulos e pronominais encontrados no *corpus* LínguaPOA e os classificamos segundo seus traços de animacidade e especificidade e, posteriormente, de gênero semântico. Os dados podem ser visualizados na tabela 6:

Tabela 6. Distribuição, no corpus LínguaPOA, de sujeito nulo vs pronominal com referentes [+a, ±e].

Traços do referente	Sujeito nulo	Sujeito pronominal	Total
[+a, +e]	20 (7,2%)	260 (92,8%)	280
[+a, -e]	19 (43,2%)	25 (56,8%)	44
[-a, +e]	45 (60,8%)	29 (39,2%)	74
[-a, -e]	2 (40%)	3 (60%)	5

Fonte: autores.

Os dados da tabela 6 podem ser mais bem visualizados no gráfico 9:

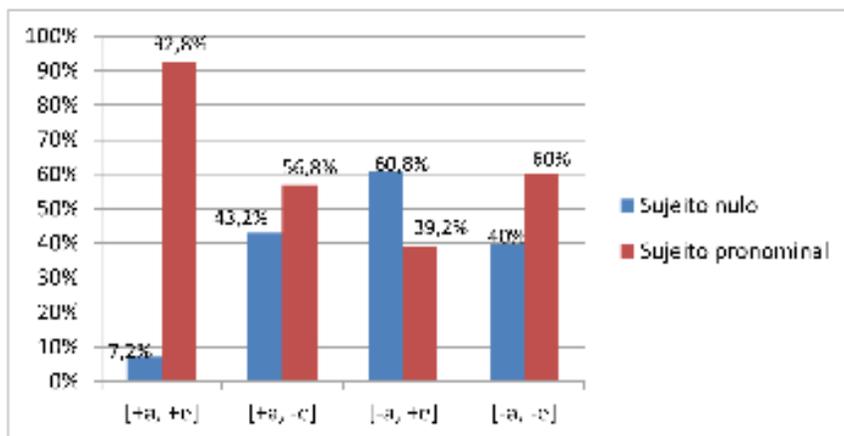


Gráfico 9. Distribuição, no corpus LínguaPOA, de sujeito nulo vs pronominal com referentes [+a, ±e].

Fonte: autores.

Repare como aqui já não encontramos a mesma polarização de sujeitos nulos e pronominais baseada apenas no traço de animacidade como encontramos nos dados do VARSUL. Na verdade, nem a combinação dos traços de animacidade e especificidade e nem apenas a animacidade parecem explicar a distribuição entre sujeitos pronominais vs nulos. À exceção dos referentes [+a, +e], que favorecem sujeitos pronominais de maneira praticamente categórica, não percebemos uma distribuição clara entre os referentes com as demais combinações dos traços de animacidade e especificidade.

Quando analisamos os referentes com respeito a seu gênero semântico, por outro lado, encontramos resultados muito próximos àqueles que encontramos com os dados do VARSUL.

Tabela 7. Distribuição, no corpus LínguaPOA, de sujeito nulo vs pronominal com referentes [+gs].

Traço do referente	Sujeito nulo	Sujeito pronominal	Total
[+gs]	8 (3,3%)	236 (96,7%)	244 (100%)
[-gs]	78 (49%)	81 (51%)	159 (100%)

Fonte: autores.

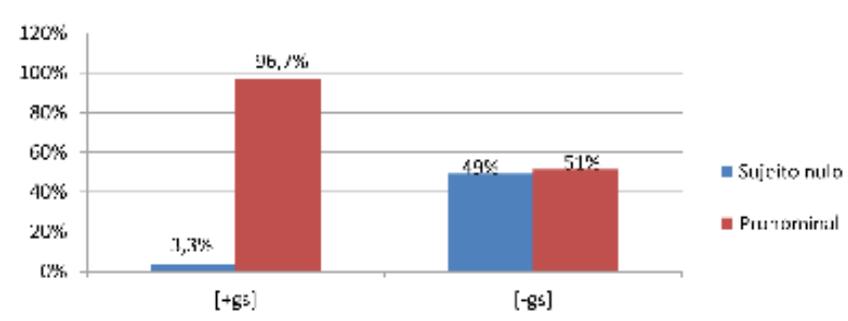


Gráfico 10. Distribuição, no corpus LínguaPOA, de sujeito nulo vs pronominal com referentes [+gs].

Fonte: autores.

Encontramos um resultado categórico com os referentes [+gs]: 96,7% desses referentes são retomados por sujeitos pronominais expressos. E, de modo semelhante ao que encontramos antes, aqui também observamos variação livre com referentes [-gs] (variação que talvez possa ser explicada por alguma das hipóteses que sugerimos acima).

Vejamos, na próxima seção, a análise da retomada de objetos diretos.

#### 4.3.2 O objeto direto

Como vimos, encontramos 218 objetos nulos e 61 retomadas anafóricas com pronomes nas entrevistas do VARSUL e 92 objetos nulos e 20 pronomes plenos no *corpus* LínguaPOA. Classificamos as ocorrências de cada *corpus* separadamente, fazendo primeiro um levantamento com base na combinação dos traços de animacidade e especificidade e, posteriormente, uma análise com o traço de gênero semântico, tal como fizemos na análise para as ocorrências de sujeito, que apresentamos na seção anterior. Começemos com as ocorrências do VARSUL:

Tabela 8. Retomadas anafóricas de objeto nulo e pronomes, no corpus VARSUL, com antecedentes [+a, ±e].

Traço do referente	ON	Pronome	Total
[+a, +e]	20 (31%)	44 (69%)	64
[+a, -e]	8 (100%)	0	8
[-a, +e]	140 (91%)	13 (9%)	153
[-a, -e]	50 (92%)	4 (8%)	54

Fonte: autores.

Os dados da tabela 8 podem ser mais bem visualizados no gráfico abaixo:

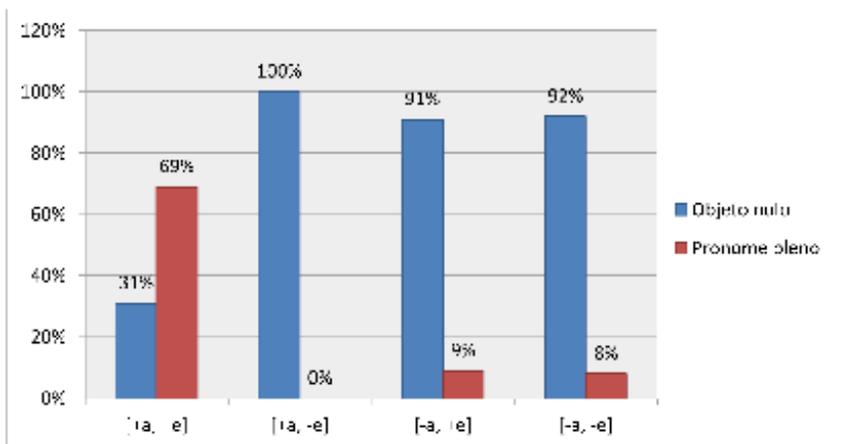


Gráfico 11. Distribuição, no corpus VARSUL, de objeto nulo vs pronominal com antecedentes [±a, ±e].

Repare como, agora, encontramos menos ocorrências com referentes animados, como já antecipáramos (foram apenas 28/279 retomadas de referentes [+a]). Observe também como a combinação dos traços de animacidade e de especificidade não mostra grupos naturais claros, um problema já há tempos reportado na literatura (cf. Creus & Menuzzi 2004, Schwenter 2006). Quando analisamos o gênero semântico do referente, encontramos, por outro lado, uma distribuição bem clara:

Tabela 9. Retomada anafóricas de objeto nulo e pronominal do corpus VARSUL com antecedentes [±gs].

Traço do referente	ON	Pronome	Total
[+gs]	10 (19%)	41 (81%)	51 (100%)
[-gs]	208 (91%)	20 (9%)	228 (100%)

Fonte: autores.

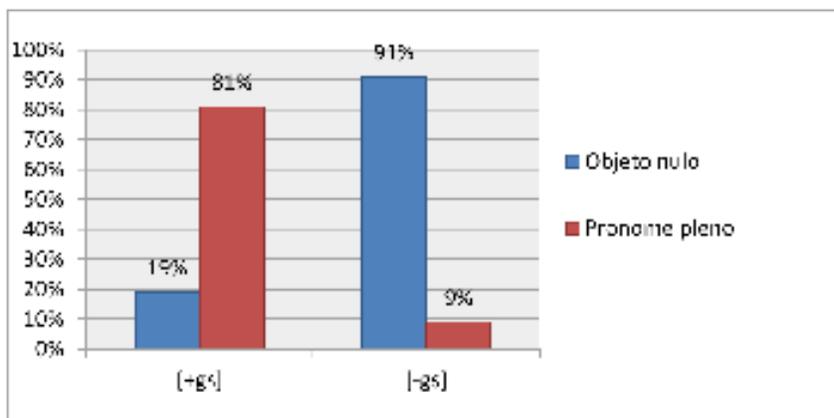


Gráfico 12. Distribuição, no corpus VARSUL, de objeto nulo vs pronominal com antecedentes [±gs].  
Fonte: autores.

O gráfico 12 indica uma forte tendência de que os antecedentes [+gs] sejam retomados por pronomes e, ainda que o resultado não seja categórico (81%), é mais claro do que os resultados encontrados na análise dos traços de animacidade e especificidade. Quando o referente é marcado com o traço [-gs], há uma tendência categórica (91%) de que a retomada se dê por meio de um ON.

A análise do *corpus* LínguaPOA nos mostra resultados muito semelhantes, mais uma vez:

Tabela 10. Retomadas anafóricas de objeto nulo e pronomes plenos do corpus LínguaPOA com antecedentes [±a, ±e].

Traço do referente	ON	Pronome	Total
[+a, +e]	10 (35,7%)	18 (64,3%)	28
[+a, -e]	7 (87,5%)	1 (12,5%)	8
[-a, +e]	40 (100%)	0	40
[-a, -e]	35 (97,2%)	1 (2,8%)	36

Fonte: autores.

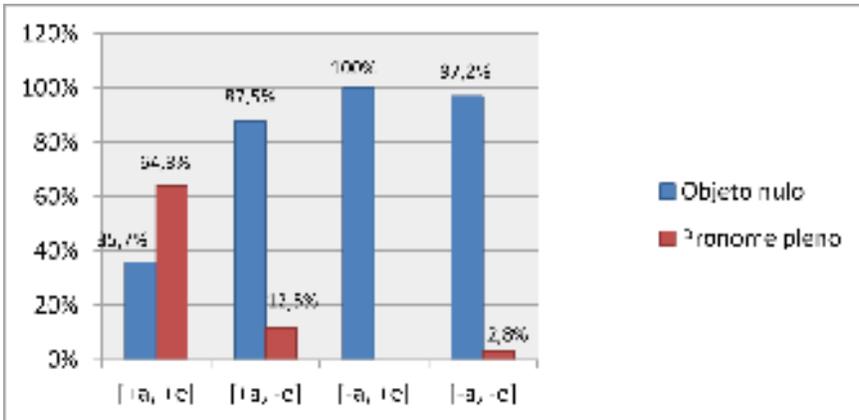


Gráfico 13 - Distribuição, no corpus LínguaPOA, de objeto nulo vs pleno com antecedentes [±a, ±e].  
Fonte: autores.

Fica evidente a preferência pelo objeto nulo, salvo quando o antecedente tem traços [+a, +e], caso em que a distribuição não se encontra muito clara. Com relação ao traço de gênero semântico do referente, encontramos uma distribuição mais polarizada:

Tabela 11. Retomadas anafóricas de objeto nulo e pronomes plenos do corpus LínguaPOA com antecedentes [±gs].

Traços do referente	ON	Pronome Pleno	Total
[+gs]	5 (22,7%)	17 (77,3%)	22 (100%)
[-gs]	87 (96,7%)	3 (3,3%)	90 (100%)

Fonte: autores.

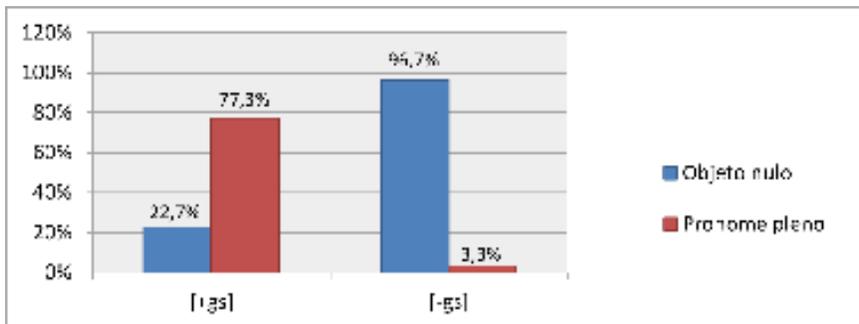


Gráfico 14. Distribuição, no corpus LínguaPOA, de objeto nulo vs pleno com antecedentes [±gs].  
Fonte: autores.

Vemos aqui uma distribuição clara no caso dos referentes não marcados para gênero semântico, i.e. são preferencialmente retomados por ON. No caso dos referentes com gênero semântico marcado, encontramos uma preferência pela

retomada com pronome pleno, embora 22% dos referentes [+gs] sejam retomados por ON, o que nos exigirá pesquisas mais detalhadas e granuladas sobre o assunto.

## 5. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos o condicionamento entre e a expressão e a omissão de sujeitos e objetos diretos pronominais de 3ª pessoa. Com base em pesquisa em *corpora* orais, buscamos três objetivos centrais, quais foram:

- (i) verificamos se as ocorrências de *sujeito expesso* diminuíram ou aumentaram no intervalo de mais ou menos 20 anos;
- (ii) verificamos se as ocorrências de *objeto nulo* diminuíram ou aumentaram nesse mesmo intervalo; e
- (iii) verificamos se os traços de gênero semântico ou a combinação de traços de animacidade e especificidade poderiam ser o gatilho para a manifestação do pronome nas ocorrências de sujeito e de objeto nulos ou expressos.

Sobre o objetivo (i), descobrimos que não houve um aumento significativo nas ocorrências de sujeito expesso nos *corpora* que analisamos, o que serve de argumento para mostrar que estamos frente a uma mudança já estabilizada na língua (e que dialoga diretamente com as propostas que classificam o PB como língua de sujeito nulo parcial, ainda que não tenhamos entrado de maneira direta nessa discussão).

Com relação ao objetivo (ii), encontramos – curiosamente, mas nem tanto – o mesmo resultado: a manutenção do percentual de objetos nulos, o que mostra que também estamos frente a uma mudança estável na língua. Como já dissemos ao longo do artigo, ambos os fenômenos – sujeito expesso e objeto nulo – têm andado juntos na história da língua (é o que mostram os trabalhos diacrônicos pioneiros em PB, cf. referências já citadas). Não é de estranhar, portanto, que nossos dados tenham nos mostrado que *ambos os fenômenos encontram-se estáveis na língua* nesse início de séc. XXI, mesmo momento, também, em que registramos queda do clítico pronominal acusativo de 3ª pessoa e aumento da retomada anafórica de objeto direto por pronome pleno.

Esses dois resultados empíricos são, por isso, interessantes do ponto de vista da descrição gramatical do PB e do estudo da história da sintaxe da língua.

Com relação ao objetivo (iii), observamos que a realização do pronome pleno é favorecida quando o referente tem gênero semântico marcado, tanto na função de sujeito quanto na de objeto direto anafórico, e esse favorecimento é maior e mais claro do que o que encontramos na análise com o traço de animacidade (ou sua combinação com o traço de especificidade)<sup>14</sup>. No entanto, nos casos em que

---

<sup>14</sup> Ainda assim, devemos registrar aqui um (grande) *nostra culpa*: Duarte & Reis (2018), concluíram que o traço de gênero semântico do antecedente *não* é um traço relevante para a retomada pronominal (expressa ou nula) do sujeito. Isso se deve, imaginamos, porque nossa proposta com a análise do gênero semântico pode estar enviesada por um efeito de sobreposição com a hierarquia

o referente tem o traço [-gs] e o pronome está em função de sujeito, encontramos variação livre entre pronomes plenos e sujeitos nulos. Por limitações de tempo e espaço, não conseguimos explicar essa baleia branca que persegue qualquer linguista que trabalha com fenômenos variáveis ou pesquisas empíricas – a variação livre. Mas esboçamos algumas hipóteses de trabalho, que poderão guiar pesquisas futuras.

De qualquer maneira, julgamos que este trabalho tenha trazido sua contribuição aos estudos gramaticais do português, em especial aqueles que lidam com a omissão e a expressão de sujeitos e objetos diretos anafóricos na língua, ou com a história recente da gramática do PB.

---

## REFERÊNCIAS

- AYRES, M. R. *Aspectos condicionadores do objeto nulo e do pronome pleno em português brasileiro: uma análise da fala infantil*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras, PUCRS, 2016.
- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BISOL, L.; MENON, O.; TASCA, M. VARSUL, um banco de dados. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- BISOL, L.; MONARETTO, V. N. O. Prefácio: VARSUL e suas origens, uma história sumariada. *ReVEL*, edição especial n. 13, 2016.
- CALLOU, D. O projeto NURC no Brasil: da década de 70 à década de 90. *Linguística*, v. 11, 1999.
- CARVALHO, D. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*. Tese de Doutorado – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, 2008. 154f.
- CARVALHO, D. *Caso default e o sincretismo pronominal no português*. Salvador, 2014.
- CASTILHO, A. T. Apresentação – projeto de gramática do português falado. In: CASTILHO, A. T. (org.) *Gramática do português falado, vol. 1: a ordem*. 4ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.
- CERQUEIRA, F. Reflexos semânticos na sintaxe da terceira pessoa. *Letrônica*, v. 8, n. 2, 2015.
- CERQUEIRA, F. A sintaxe do “ele” acusativo. In: CARVALHO, D.; BRITO, D. (orgs.) *Pronomes: morfossintaxe e semântica*. Salvador: EDUFBA, 2018.

---

de referencialidade de Cyrino, Duarte & Kato (2000), qual seja: uma vez que os referentes [+gs] são referentes animados, eles estão num ponto alto da hierarquia. Assim, nossas conclusões a respeito do objetivo (iii) devem ser vistas com cautela. Vislumbramos duas maneiras de dirimir o problema: devemos dedicar atenção especial aos casos de referentes [+a, -gs], casos como *a vítima*, *a criança*, etc. (o que já foi feito experimentalmente por Creus & Menuzzi, 2004, e Othero et al., 2016); e devemos rever os casos em que os referentes estão no plural, para verificar se o traço de número (e possivelmente o de gênero semântico) é relevante na retomada anafórica pronominal de sujeito e objeto. Até que isso seja feito, nossos resultados são, de fato, inconclusivos.

- COELHO, I. L.; OTHERO, G. A.; VIEIRA-PINTO, C. A. Reanálise de variáveis semânticas no condicionamento do objeto nulo e do pronome pleno na fala de Florianópolis. *Fórum Linguístico*, v. 14, n. 4, 2017.
- COLLISCHONN, G.; MONARETTO, V. Banco de dados VARSUL: a relevância de suas características e a abrangência de seus resultados. *ALFA*, v. 56, n. 3, 2012.
- COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- CREUS, S; MENUZZI, S. O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, Florianópolis, v. 3, n. 1-2, 2004.
- CYRINO, S. M. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
- CYRINO, S. M. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas, 1994. (Publicada em 1997 pela Ed. da Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR)
- CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 55-104.
- DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, 67 (3), 1991.
- DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F., (org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p. 19-34.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; & KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio "evite pronome" no português brasileiro*. Tese de doutorado, UNICAMP, 1995.
- DUARTE, M. E. L. *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- DUARTE, M. E. L. REIS, E. P. R. Revisitando o sujeito pronominal vinte anos depois. *ReVEL*, vol. 16, n. 30, 2018.
- FREIRE, Gilson Costa. *A realização do acusativo e do dativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. 204 ff.
- GRAVINA, A. P. Diacronia e sujeito nulo no português brasileiro: um estudo comparativo. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 16, p. 199-231, 2014a.

- GRAVINA, A. P. *Sujeito nulo e ordem VS no português brasileiro: um estudo diacrônico-comparativo baseado em corpus*. Tese de Doutorado. Unicamp, 2014b.
- HOLMBERG, A. Null subject parameters. In: BIBERAUER, T. et al. *Parametric variation: Null subjects in minimalist theory*, p. 88-124. Cambridge: CUP, 2010.
- HOLMBERG, A.; NAYUDU, A.; SHEEHAN, M. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguistica*, v. 63, n. 1, p. 59-97, 2009.
- HOPPER, P. J., THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. *Language* 56, 1980.
- MARQUES DE SOUSA, A. A. *As realizações do acusativo anafórico no português europeu e brasileiro: um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017. 127 f.
- MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.
- MOREIRA DA SILVA, S. Études sur la symétrie et l'asymétrie SUJET/OBJET dans le Portugais du Brésil. Tese de Doutorado. Universidade de Paris VIII, 1983.
- OLIVEIRA, S. M. Objeto direto nulo, pronome tônico de 3ª pessoa, SN anafórico e clítico acusativo no português brasileiro: uma análise de textos escolares. *ReVEL*, vol. 5, n. 9, 2007.
- OTHERO, G. A.; AYRES, M. R.; SCHWANKE, C.; SPINELLI, A. C. A relevância do traço gênero semântico na realização do objeto nulo em português brasileiro. *Working Papers em Linguística* 17(1), 64-85, 2016.
- OTHERO, G. A.; CYRINO, S.; SCHABBACH, G.; ROSITO, R.; ALVES, L. M. Objeto nulo e pronome pleno na retomada anafórica em PB: uma análise em *corpora* escritos com características de fala. *Revista da Anpoll*, v. 1, 2018.
- OTHERO, G. A.; SCHWANKE, C. Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrita. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, n. 1, 2018.
- OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. Analisando a retomada anafórica do objeto direto em português falado. *Revista Letras*, v. 96, p. 174-195, 2017.
- OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. Sujeito expresso e nulo no começo do séc. XXI (e sua relação com o objeto nulo em PB). *Domínios de Linguagem*, v. 13, n. 1, 2019.
- PIVETTA, V. *Objeto direto anafórico no português brasileiro: uma discussão sobre a importância dos traços semântico-pragmáticos – animacidade/especificidade vs. gênero semântico*. Dissertação de mestrado, UFRGS, 2015.
- ROBERTS, I. A deletion analysis of null subjects. In: BIBERAUER, T. et al. *Parametric variation: Null subjects in minimalist theory*, p. 125-152. Cambridge: CUP, 2010.
- SCHWENTER, S. A. Null objects across South America. *Selected proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville: Cascadilla Press, 2006.

- SCHWENTER, S.; SILVA, G. Overt vs. null direct objects in spoken Brazilian Portuguese: a semantic/pragmatic account. *Hispania*, v. 85 n. 3, p. 577-586, 2002.
- SCHWENTER, S. A.; SILVA, G. Anaphoric direct objects in spoken Brazilian Portuguese: semantics and pragmatics. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, 2003.
- SOARES, E. C. *Anaphora in Discourse: Null Subjects in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. Paris, Université Paris Diderot, PARIS 7, 2017.
- TARALLO, F. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, 1983.
- TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar no final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.
- VAN VALIN, R. D., LAPOLLA, R. J. *Syntax*. Cambridge: CUP, 1997.

Recebido: 10/12/2018  
Aceito: 20/02/2019  
Publicado: 21/02/2019